

Antes da codificação, a Renúncia

LÍLIA RIBEIRO

O primeiro passo para chegarmos à codificação será, de certo, estabelecermos o limite entre Umbanda — segundo as normas ditadas por seu precursor — O Caboclo das Sete Encruzilhadas — e os cultos legados pelas várias Nações africanas e que, nestes últimos decênios, passaram a ser englobados sob o nome de Umbanda. Assentado esse limite, que não visa criar diferenças raciais, como julgam alguns adeptos do africanismo puro, não haverá necessidade de longos estudos para unificação da doutrina e do ritual de Umbanda.

Religião cristã, cuja doutrina está centralizada no Evangelho, tem como conceitos básicos a Reencarnação, a Comunicação com os desencarnados, a Lei de Casa e Efeito, o Carma.

A prática objetiva a reforma íntima de cada um de nós, o progresso moral e cultural, a cura espiritual através do passe e do conselho, a evolução do espírito, a igualdade de raças e classes, a fraternidade entre os homens, o atendimento totalmente gratuito.

O ritual — campo por demais vasto e complexo — dificilmente será de todo unificado, face à diversidade de sistemas praticados nos templos umbandistas, obedecendo, cada um, à orientação de seu próprio Guia Espiritual. É uma característica da Umbanda, que não se fixa em dogmas ou normas restritas. Entretanto, a despeito dessa liberdade, existem conceitos que determinam, logo à primeira vista, se um templo é de Umbanda ou se segue outro culto.

Dizia José Álvares Pessoa:

— Religião de raízes antiquíssimas encontraremos Os vestígios da Um- anteriores ao Cristianismo, sua liturgia encontra-se a cada passo do Velho e do Novo Testamento, nos templos do Egito e da Índia antiga e na própria Igreja Católica. Por mais remota que seja uma religião, nela encontraremos Os vestígios da Umbanda; ou, sob outro ponto de vista, de cada uma delas a Umbanda dos nossos dias colheu uma contribuição para consolidar a sua própria liturgia. Mas assim como a velha religião mosaica, à qual pertenciam homens que falavam face a face com o próprio Deus, teve de ser expurgada por Jesus de todo rito impuro, a Umbanda deixou para trás a seita

que os cientistas classificavam de animismo fetichista e, libertada dos rituais pesados, complexos e, por vezes, contrários às normas de bondade, caridade e perdão, passou a ser o caminho mais simples e acessível para o homem se reaproximar do Criador.

A Umbanda não adota rituais complicados para a formação dos seus médiuns. A par do ensinamento doutrinário, apenas os elementos vindos da natureza viva participam do preparo mediúnico: a água, o amaci e o banho de ervas

O branco é a cor utilizada nos uniformes dos médiuns, como símbolo de pureza e, ao mesmo tempo, síntese de todas as cores

Os adornos — capacetes, cocares, espadas, pulseiras etc. — não pertencem à Umbanda;

A água, a pomba, a flor, o defumador, a vela — são elementos de trabalho, como o fumo, que desempenha o papel de defumador constante;

A bebida está sendo excluída dos trabalhos de Umbanda, substituída, entre os Pretos Velhos, pelo café amargo. As cervejas, os vinhos conservam-se apenas como elementos de oferendas;

A figura de Cristo centraliza os templos. As imagens dos santos, gradativamente, estão deixando o gongá. As figuras que se dizem representativas de Exu, nunca existiram na Umbanda;

O holocausto — herança dos cultos africanos — é totalmente alheio à Umbanda. Dizia-o, José Álvares Pessoa, que foi por mais de quarenta anos dirigente da Tenda S. Jerônimo — a grande Casa de Xangô — e estudioso de todos os ramos do espiritualismo. Confirma-o Cavalcanti Bandeira, dizendo textualmente: "Na Umbanda pura, nenhum sacrifício animal é admitido". E J. Alves de Oliveira, em "O Evangelho na Umbanda", observa que "o Umbandismo chama a si todas as doutrinas evolucionistas que proclamam o amor universal, a imortalidade da alma, a vida futura e a reencarnação... e se as práticas de Umbanda são de Amor ao Próximo, é inconcebível que se sacrifique animais, nossos irmãos inferiores, para a consagração desse Amor. Não pode o Amor ter eficácia através da morte de tercei-

ros. Sacrificar animais, dentro da Umbanda, para fins ritualísticos, não é o caminho a seguir, quer seja com a finalidade de honrar orixás, quer seja para neutralizar efeitos maléficis produzidos por magia negra."

O sacrifício de animais é incompatível com os ideais de fraternidade universal, objetivo de todo movimento espiritualista e para nós, que pertencemos à corrente Vegetariana, é totalmente desnecessário, tanto no ritual quanto na alimentação humana.

Um dos sistemas mais eficientes para que o homem se aproxime da divindade é o aprimoramento moral espiritual do seu ego. Deve o médium analisar a si próprio, a fim de corrigir as suas falhas; proceder corretamente não só dentro do seu templo, como também na vida familiar, social e profissional; ser leal com os companheiros e compreensivo com os subordinados; ter sempre uma palavra de conforto para os desesperados, de orientação para os que erram, de esperança para os que não têm fé, deve tratar bem os animais, que também são criaturas de Deus e dependem de nós (diz um escritor inglês que se conhece o íntimo do homem pela maneira de agir com os animais); favorecer por todos os meios que estiverem ao seu alcance o progresso material e espiritual dos seus companheiros; procurar instruir-se com referência ao seu papel de mediador entre as entidades espirituais e nossos irmãos necessitados, esquecendo todo ressentimento, o egoísmo, a vaidade, a maledicência, para melhor se afinizar com o seu Guia porque, no dizer de Nelson M. Cavalcanti, "só será vitorioso, na Umbanda, quem apoiar o seu sacerdócio em bases de humildade, de amor e de renúncia".

Procuremos, cada um de nós, deitar ao solo a semente que germinará no futuro, no III Milênio, quando — são palavras de RAMATIS — reinará sobre a Terra um ambiente de paz, de amor e de fraternidade e a nossa Umbanda — religião que está crescendo com um dinamismo e numa proporção desconhecidos em qualquer outro movimento registrado em nosso país — se tornará, pela previsão dos estudiosos dos espiritualismo no panorama nacional, a verdadeira Religião do Brasil, centro irradiante do espiritualismo e da Fraternidade Universal.